

o próprio relacionamento promete, não se submeter a qualquer tipo de violência física, psicológica, social ou moral. Numa linguagem positiva, a virtude da castidade implica estar genuinamente presente na relação, evitar comportamentos irresponsáveis, poder retirar o consentimento dado quando o gesto se torna uma mentira, desistir de um relacionamento que não é caracterizado pelo respeito no modo de abordar o outro, evitar fazer mal a si e ao outro, decidir não mentir para si e para o outro, opor-se a tudo o que fere a dignidade e atenta contra os direitos das pessoas envolvidas na relação.

É inegável que tudo isso não assegura a qualidade de qualquer relação, mas é também inegável que tudo isso garante “um mínimo de dignidade humana em situações em que o significativo é apenas mínima ou parcialmente realizado”² e isso não deveria ser subestimado. O esforço de assumir o bem que pode ser feito e evitar o mal que poderia ser feito é virtuoso em si mesmo. A castidade pode começar significando “honestidade no sexo” até que a pessoa tenha condições de colocar também o sexo a serviço do amor. A honestidade, por si só, não garante um relacionamento significativo, mas ela não deixa de ser uma expressão de amor.

Urge, no processo educativo e/ou formativo, passar do foco posto no tipo ou no nível de intimidade sexual apropriado para o foco das disposições que capacitam as pessoas a iniciar e sustentar relacionamentos de intimidade que sejam

psicologicamente saudáveis e humanamente significativos. Trata-se de passar de uma abordagem sobre atos para uma abordagem sobre processos. O que a pessoa se torna por meio das escolhas que faz deve vir antes da discussão sobre o que é certo ou errado, lícito ou ilícito, bem ou mal, desejável ou possível; só assim será possível compreender que a castidade é um chamado dirigido a todos, um chamado para todos se realizarem no amor por meio de relações qualitativamente significativas, que todos “qualifiquem” suas relações integrando-as num projeto de vida que tenha o amor como seu significado mais profundo, que todos sejam castos, independentemente de viverem em contextos ideais ou mais ou menos caóticos.

Tendo presentes tais elementos, resulta claro que castidade não tem nada a ver com negação ou repressão da sexualidade. Não é casto quem nega a sexualidade e/ou o desejo sexual, mas quem se empenha para assumi-los de maneira libertadora. Em outras palavras, o objetivo visado pela integração da sexualidade e, conseqüentemente, pelo autocontrole, pela autodisciplina e pelo ascetismo que tal integração requer, deve ser eminentemente positivo: favorecer um modo de ser transparente e, portanto, que leva a pessoa

a viver de modo autenticamente livre. A pessoa casta não é aquela que, necessariamente, priva-se do prazer sexual, mas aquela que está genuinamente presente em toda relação, que é capaz de estar toda inteira no que faz, que consegue ficar só sem se sentir só, mas “habitada” por si, pela presença dos outros e por Deus, que consegue viver a unidade entre ser e agir, que se empenha em viver uma santidade adequada ao seu estado de vida e à sua identidade sexual. Ser casto e ser casta é procurar viver a própria sexualidade com a responsabilidade de quem, por meio das escolhas que faz, quer ser mais gente, crescer em humanidade. ●

Bibliografia

1. Não incluo na categoria de sexo casual e ocasional as relações caracterizadas por violência, exploração, ganho financeiro, compulsão e anonimato. Refiro-me apenas a relacionamentos sexuais que têm alguma qualidade mas são de caráter temporário e descompromissado.
2. BURGGRAEVE. De uma sexualidade responsável a uma sexualidade significativa, p. 311.
4. Este é o quarto texto da sequência desenvolvida nesta revista.

***Padre Ronaldo Zacharias, sdb**

é doutor em Teologia Moral (*Weston Jesuit School of Theology, Cambridge, Estados Unidos*) e coordenador da pós-graduação em Educação em Sexualidade do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL).

Imagem: kartplace / Freepik

